

Devemos lembrar que os campos eletromagnéticos podem variar de tamanho, do pequeno ao imenso e podem deslocar-se através do espaço com a velocidade da luz. Não há problema então, quando um campo L encontra um núcleo adequado e passa a comandá-lo quase imediatamente depois da fertilização.

Consistindo a concepção numa mera fusão entre duas pequenas organizações **já existentes**, o esperma e o ovo, **não criam nada, exceto uma oportunidade** e escassas condições para que um campo inicie seu trabalho. Quando o ovo é fertilizado, o campo L apropriado é atraído — emprestado, se assim se desejar considerar — do "bolo" de campos "latentes" sempre disponíveis.

Imediatamente começa a organizar-se a futura forma de vida ao redor do núcleo do ovo por um processo de divisão organizada de células. Para isso precisa do material que, por empréstimo, lhe é fornecido através dos alimentos da mãe do reservatório de material disponível neste cargo. Este processo de empréstimo de material, via alimento e durante a vida da forma, até que, ao morrer o corpo, o campo L fica livre para voltar ao bolo comum e todo material emprestado será então devolvido aos reservatórios da matéria — "a terra à terra, o pó ao pó" — está sujeito a alguma demora devido às modernas práticas de enterros.

Uma analogia pode ajudar a esclarecer este quadro. Este planeta está atualmente — e infortunadamente — saturado com inumeráveis campos eletromagnéticos criados por milhares de rádios, televisores e transmissores de radar. Esses estão passando ao nosso redor e através de nós, todo o tempo, mas felizmente, não estamos conscientes desses campos porque não podem se manifestar como sons — ou fotografias num TV — a menos que providenciemos o equipamento certo e seja ele adequadamente harmonizado.

De modo geral os campos L presentes em tudo não podem manifestar-se como formas vivas até que encontrem o equipamento certo e predeterminado — um ovo fertilizado ou semente fértil.

Este quadro dos campos L constituindo um bolo comum em uso continua sucessivamente a explicar não somente por que o ser atual não é tão diferente dos humanos que viveram há 100.000 anos mas também porque todos os corpos humanos hoje em dia têm a mesma forma geral. Os leitores atentos do **National Geographical Magazine** notam que os corpos dos componentes de tribos mais primitivas não diferem essencialmente do que vêm no seu próprio espelho no banheiro.

Deve-se salientar que tudo isto se refere somente **aos nossos corpos físicos**. Consideremos o problema da mente e a personalidade mais tarde.

Se Barbara está certa sobre os efeitos desastrosos da Teoria da Evolução, talvez devamos examiná-la à luz dos campos L, antes de prosseguirmos.

E, realmente, **somente** uma teoria que nunca tivesse sido provada, não obstante as afirmações estridentes de geneticistas, às vezes dão aquela impressão. Mas inúmeros pensadores irreverentes estão começando a questionar as Encíclicas de Darwin.

Num livro ⁽⁵⁾ recentemente publicado, (em 1958), o falecido Professor H. Graham Cannon, F.R.S., um eminente zoólogo inglês, desafiou o dogma pelo qual o acaso cego é a mola principal de evolução. Sustentou ainda a teoria dos genes não explicarem, possivelmente, a capacidade de um organismo, não somente para admitir caracteres novos mas também para regular o funcionamento de suas partes existentes, de modo que o organismo forme um todo novo e trabalhe uma nova unidade.

Os estudos de embriologia experimental do Professor Cannon convenceram-no de que os mecanismos admiravelmente precisos e eficientes dos seres vivos não podiam ter surgido por mero acaso. Escreve:

"... como um mecanismo evolucionário o Mendelismo somente podia ter sucesso em relação a caracteres triviais, caracteres sem nenhum valor seletivo... o Mendelismo diz respeito unicamente com ... os ramos das árvores evolucionárias..."